

Carta sobre Escrita – 12

Caras/os

Jovens Escritoras/es Africanos

Deixem-me fazer uma pergunta provocatória: querem ser escritores, para quê?
É importante dizer que as raízes de um escritor não estão no “para quê”, mas no “porque”. Do género: sou escritor porque tenho de escrever, porque sinto um apelo interior e inadiável para escrever, (parafraseando alguém) porque se não escrevesse morria ou nada mais faria verdadeiramente sentido. É neste solo que vão beber as raízes mais profundas da escrita de um verdadeiro escritor.

Mas isso não dispensa, pelo menos para muitos, o “para quê”: para que escrevo eu?
Façamos um paralelismo. Se eu for um bom chefe de cozinha, é natural que eu sinta o mesmo apelo interior que me lança no mundo dos sabores, das texturas, dos condimentos, das cores, etc. Isso não me dispensa de pensar o que quero oferecer aos destinatários do que faço: é só alimentá-los? dar-lhes experiências novas? levá-los a descobrir novas possibilidades da cozinha tradicional? permitir-lhes conhecer pelo paladar outros povos e culturas? E outras possibilidades poderiam ainda ser apontadas. Nenhuma diminui o valor do chefe ou da arte por ele praticada. O mesmo para a escrita. Por isso, é legítimo perguntar: para que escrevo eu? Há quem escreva por engano: para ganhar dinheiro ou para ser famoso. Também aqui, no campo da escrita, se verifica a mesma regra do 1% que encontramos na distribuição da riqueza: apenas 1% leva a grade fatia do bolo (dinheiro e fama), deixando umas fatias pequenas para uns poucos mais e apenas algumas migalhas para a grande maioria. Por isso, quem quer ser rico ou famoso talvez seja melhor procurar outros caminhos. A não ser que... Bem, um amigo meu gabava-se nestes termos: “Eu sou o rapaz mais bonito da minha rua”, o que era logo entendido como uma forma detestável de presunção, até que ele explicava: “Porque sou o único”. Do mesmo modo, não é muito difícil ser o escritor mais famoso da minha família ou da minha rua ou da minha aldeia ou tabanca... se não houver mais nenhum. Mas isso não garante grande coisa: “Em terra de cegos, quem um olho é rei”, diz o povo. Ou seja, deste modo, só serei famoso na minha família, rua ou aldeia. Se isso te chega, quem sou eu para dizer que não vale a pena?

Já aqui demos outra pista: escrever para pensar melhor, pois o tempo da escrita é diferente do tempo do pensamento e escrever defronta-me com a dificuldade de expressar o que procuro e ao procurar consigo aquilo que não alcançaria de outro modo.

Ou escrever para partilhar o que penso, pois vejo-me a pensar em coisas a que não vejo as pessoas (quais?) darem a importância que eu penso que têm.

Ou escrever para explorar e registar o que se passou. A escrita é uma forma de memória que preserva para a eternidade o que a memória dos homens e mulheres esqueceria com facilidade. “Tudo existe e tudo passa: se não for escrito, não há eternidade”, disse Lídia Jorge. Os velhos viveram coisas que são de um outro tempo e que se perderão se não forem

passadas a escrito e dissolver-se-á para sempre o que eles e só eles nos podem ensinar. Nesta motivação (outra palavra oportuna) inclui-se o desejo de salvar uma tradição popular, as histórias de vida de pessoas cuja memória deve ser preservada, e assim por diante. Não faltam, neste domínio, razões “para” escrever. Lembremos o provérbio: “Cada velho que morre é uma biblioteca que arde”.

Escrever para entrar na roda. Na roda da escrita. Ninguém escreve a partir do nada: vemos livros, aprendemos a ler e, pela leitura, entramos na dança que vem de há muitos séculos. A dança da literatura ou a dança da “conversa” pública que se alimenta do que vai sendo escrito. Ao escrever, um escritor sai de si entra a fazer parte. É, desde logo, uma responsabilidade: para onde arrasto a literatura a que pertença? a conversa de que se alimenta a nossa vida comum?

O ser humano não é feito de ossos, carne, pele, etc., mas de histórias. Pela razão simples de que o cérebro humano trabalha naturalmente através de narrativas. A forma mais natural de pensar é contar histórias. Por isso mesmo, muitas vezes quando, por exemplo, nos perguntam “Quem és tu?”, contamos histórias da nossa vida que valem como reposta. Escrever histórias, em prosa ou em verso (e uma boa canção é feita de uma boa história e uma boa música), escrever histórias, dizia, é uma forma de alimentar a conversa da comunidade a que uma pessoa pertence, comunidade que tanto pode ser local, nacional ou internacional.

Se escrevermos a História de África ou de um qualquer país africano, é certo e sabido que a certa altura vão aparecer os autores e os textos que ajudaram a fazer essa história, que alimentaram talvez a luta que levou à independência ou a uma mudança de regime. Os textos e os livros não salvam o mundo, mas o mundo humano, como fica dito, também é feito de narrativas, de textos. Não é por acaso que os ditadores têm medo dos livros, fazem da censura um instrumento político de controlo social, perseguem os que ousam pensar e escrever para lá do que lhes é recomendado que pensem e digam. Escrever pode ser romper amarras, alargar o espaço de liberdade, criar novas ideias ou imagens que permitam às pessoas ver e pensar para lá dos limites que lhes querem impor.

Todos sabemos que há autores cuja obra é “um grito na noite escura”, outros acendem uma lareira para dar algum calor a quem se sente perdido, outros anunciam uma alvorada, outros afirmam o desespero de não encontrarem uma porta de saída e assim pedem que sejam arrombados os muros da prisão...

Muitos autores (ou todos?) mostram-nos aspetos da vida que não tivemos a oportunidade ou a ousadia de viver na primeira pessoa.

E, sim, há escritores que querem sobretudo permanecer vivos mesmo depois de mortos: quando já cá não estiverem, ainda cá estarão através da obra que é parte deles mesmos.

E assim por diante. Este é um tema que aqui é apenas a florado, por razões de espaço, mas a que vale a pena dar continuidade. Podemos perguntar aos escritores importantes que conhecemos “para que” escrevem. Mas também podemos ler as suas obras e constatar, não a intenção que o autor teve, mas o que essas obras fazem em nós e nos outros. Neste aspeto, um autor é sobretudo a sua obra e ver como uma obra tem efeitos nas pessoas e nas sociedades é um trabalho importante para quem quer ser escritor.

Outro lado desse trabalho é eu perguntar a mim mesmo “para que” escrevo ou quero escrever.

Contudo, todo este inquérito não pode esquecer que, seja qual for o “para quê”, nada substitui a qualidade da escrita e, por isso, o trabalho de dar qualidade ao que escrevo e quero pôr a circular.

Há, porém, uma confusão que não deve instalar-se aqui: a boa literatura não tem um carácter instrumental, isto é, não se trata de escrever “para” obter um certo efeito. O que acontece é que o autor vive ou vibra numa certa onda e é a partir dessa vibração interior que compõe a sua obra e, por isso, ela produz ecos à sua volta. O que importa, portanto, é aquilo de que se alimenta a força literária do autor e não os efeitos visados que uma obra possa ter. Um homem ou uma mulher interiormente medíocre como pode criar uma obra superior? Nem por engano.

Dezembro de 2022

José Alves Jana